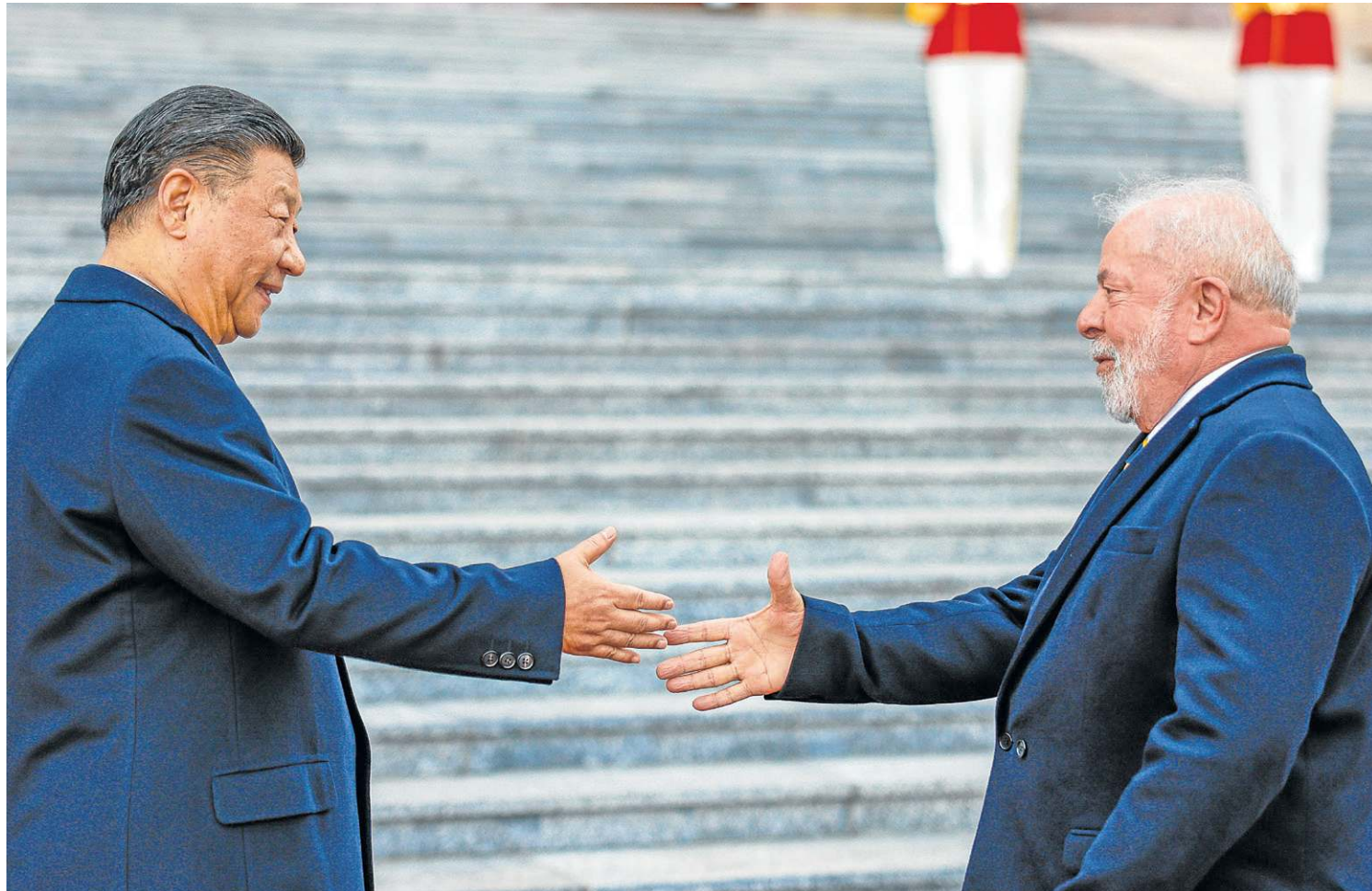


BRASIL-CHINA

Diplomacias dos dois países trabalham para marcar os 50 anos de relacionamento bilateral intensificando o fluxo de comércio e aprofundando os investimentos

Ricardo Stuckert/PR



Presidentes Xi Jinping e Lula estiveram juntos, em Pequim, no ano passado. Expectativa é de que o líder chinês venha ao Brasil este ano

Meio século de uma relação bem azeitada

» VICTOR CORREIA

As diplomacias do Brasil e da China celebram, com satisfação, os 50 anos de relações oficiais entre os países. O marco é comemorado oficialmente em 15 de agosto, data na qual, em 1974, o então presidente Ernesto Geisel anunciou a retomada do diálogo diplomático que havia sido suspenso em 1949, depois da Revolução Chinesa. Para celebrar meio século de laços comerciais e políticos, os dois lados intensificaram os contatos e articulam a vinda do presidente Xi Jinping.

Integrantes do Itamaraty ouvidos sob reserva pelo **Correio** comentaram que os dois países têm uma série de interesses comuns, especialmente no desenvolvimento, na indústria e, mais recentemente, na transição energética. Frisaram, porém, que o Brasil não deixa de defender seus próprios objetivos e que a relação é essencialmente pragmática. Um símbolo desse pragmatismo é a própria retomada diplomática, em 1974.

Além dos 50 anos de relações, celebra-se, também, as duas décadas de criação da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (Cosban), instalada em 2004,

responsável por orientar os programas desenvolvidos pelas duas nações. O colegiado é liderado pelos vice-presidentes brasileiro e chinês, respectivamente Geraldo Alckmin e Han Zheng.

Estreitamente

Alckmin confirmou que participará da próxima reunião do grupo, em Pequim, em 5 e 6 de junho. Será a primeira vez, desde a pandemia, que o encontro será presencial. “A relação Brasil-China é um caso de sucesso. Quais são os setores prioritários (na parceria)? Chegamos à conclusão de que são todos”, comentou ele, durante evento para celebrar a data, organizado pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri) e pela Academia Chinesa de Ciências Sociais (Cass). “Nesse ponto histórico de relacionamento bilateral, a China espera alçar as relações sino-brasileiras a novos patamares. Vamos expandir nossa cooperação nas áreas de vanguarda. Uma parceria de caráter estratégico em ciência, tecnologia limpa e inovação”, acrescentou o embaixador da China no Brasil, Zhu Qingqiao.

A expectativa no Itamaraty é de grandes anúncios no encontro da Cosban, como a possível vinda de Xi Jinping ao Brasil. Os diplomatas chineses são vistos como



Nesse ponto histórico, a China espera alçar as relações sino-brasileiras a novos patamares. Vamos expandir nossa cooperação nas áreas de vanguarda”

Zhu Qingqiao, embaixador da China no Brasil

profissionais e pragmáticos, com postura semelhante à dos brasileiros — duros na negociação. Eles vêm aumentando a pressão para que o Brasil integre oficialmente a Iniciativa Cinturão e Rota (ICR), um programa trilionário de investimentos em infraestrutura liderado pelos chineses. O primeiro convite chegou em 2018.

Nova investida de Pequim foi feita no ano passado, às vésperas da viagem de Lula à China, mas a adesão não ocorreu — frustrando as expectativas do governo chinês. No início do ano, o

ministro de Relações Exteriores da China, Wang Yi, reforçou o convite e propôs a integração de investimentos com o Novo Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC). A diplomacia brasileira, porém, não crê que haja necessidade de aderir oficialmente à ICR, pois o Brasil atrai investimentos chineses em infraestrutura em volume e tecnologia.

Para Alckmin, o comércio exterior é justamente “o maior campeão” da parceria. A maioria dos produtos vendidos pelo Brasil são commodities — como café, soja, carnes, minério de ferro e petróleo. No sentido inverso, Pequim remete produtos de alto valor agregado, como eletrônicos, máquinas, medicamentos e fertilizantes, com a vantagem de terem baixo custo.

“Não é como a gente gostaria que fosse. Eles querem continuar dominando. O governo brasileiro tem que ter o cuidado para que essa oferta de produtos chineses não desestime a indústria local. Isso é um problema sério”, comenta o economista Newton Marques, doutor em economia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e membro do Conselho Regional de Economia do Distrito Federal (Corecon-DF).

Quatro anos de turbulências e provocações

A parceria Brasil-China, porém, passou por maus momentos. Como, por exemplo, no governo de Jair Bolsonaro, quando tanto o ex-presidente quanto o chanceler à época, Ernesto Araújo, fizeram numerosas acusações ao parceiro comercial. Em um dos ataques, Bolsonaro acusou a China de ter se beneficiado da pandemia da covid-19, pois criara o vírus em laboratório como uma forma de “guerra bacteriológica”. Ainda no cenário de conflito ideológico, o ex-presidente e seus apoiadores tentaram desqualificar a parceria entre o Instituto Butantã e a farmacêutica Sinovac, que desenvolveram em conjunto o imunizante CoronaVac — chamavam-na de “vachina”.

Outro ponto de tensão foi a demora na adoção da tecnologia 5G. Bolsonaro e integrantes do governo acusaram a China de usar a banda de internet para espionagem, o que não foi comprovado, e ameaçaram

vetar empresas chinesas no setor de participar na concorrência — tal como fizeram Austrália e Canadá, que vetaram a Huawei. A proibição, porém, não aconteceu.

A verbosidade ideológica não foi suficiente para prejudicar a relação econômica. A então ministra da Agricultura, Tereza Cristina, criou um grupo dentro da sua pasta para fomentar o comércio dos produtos agropecuários entre brasileiros e chineses. Mas outros projetos não avançaram.

“Certamente esse período adiou muitas iniciativas, mas não prejudicou as relações de maneira profunda. Ano passado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi muito bem recebido na China, especialmente depois da piora nas relações diplomáticas no governo Bolsonaro”, avaliou o coordenador de Comércio Internacional da BMJ consultores associados, Josemar Franco. (VC)

Zonas de interesse

» **Tecnologia espacial** — Um dos grandes expoentes da parceria são os Satélites Sino-Brasileiros de Recursos Terrestres — CBERS na sigla em inglês. O sistema começou a ser criado em 1988 e monitora a região amazônica por sinais de queimadas e desmatamento ilegal. A sexta geração da tecnologia está em desenvolvimento e o protocolo de elaboração foi assinado pelos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Xi Jinping, em 2023, e pode entrar em órbita a partir de 2028. Um diplomata ouvido pelo **Correio** lembrou que, no início do acordo, o Brasil tinha uma tecnologia de satélites mais avançada do que a chinesa.

» **Audiovisual** — O Brasil foi homenageado no Festival de Cinema de Pequim, em 22 de abril, representado pelo secretário-executivo adjunto do Ministério da Cultura (MinC), Cassius Rosa. No ano passado, a ministra Margareth Menezes assinou um acordo de cooperação com a Administração Nacional de Rádio e Televisão da China (NRTA) para a produção conjunta de conteúdos audiovisuais.

» **Agronegócio** — A China é o maior mercado mundial do Brasil, responsável pela compra de 53% da soja exportada. Em 2023, o país importou 2,2 milhões de toneladas de carne — US\$ 8,2 bilhões. Ao todo, 36,1% das vendas brasileiras do agronegócio seguiram para a China, contra apenas 2,73% em 2000.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



O Brasil safado de Madonna é a negação do conservadorismo

Mitos e símbolos são semelhantes em todas as culturas ao longo do tempo. O inconsciente individual existe sobre uma camada mais profunda, o inconsciente coletivo. O sucesso de Madonna, no Rio de Janeiro, com um show gratuito, patrocinado com recursos públicos (não existe almoço grátis), merece uma reflexão sobre o outro lado de um país que parece regredir no tempo, quando olhamos para a política. Mas que passou por mudanças de comportamento humano que não têm mais volta.

Podia-se afirmar que é um fenômeno do Rio de Janeiro, que busca no entretenimento e na transgressão cultural uma espécie de redenção de suas mazelas políticas e iniquidades sociais. Mas, não. Foi gente do país inteiro, de todas as classes sociais e gêneros sexuais, que viajou para o ver o show de Madonna no Rio de Janeiro. Poderia ser no sentido inverso, para São Paulo, Salvador ou Belo Horizonte, o sucesso seria o mesmo. Entretanto, que astro pop resiste ao fascínio de Copacabana?

O bairro boêmio preferido pelo ex-presidente Jair Bolsonaro para realizar seus atos golpistas é o mais cantado do mundo. A “princesinha do mar”, como foi chamada no samba de Alberto Ribeiro e João de Barro, o Braguinha, gravado originalmente em 1946, na voz inconfundível de Dick Farney, foi cantada até por Sarah Vaughan.

Dorival Caymmi viveu quase tanto em Copa quanto na Bahia. Na década de 50, com Carlos Guinle, compôs *Sábado em Copacabana*, gravada em 1951 por Lúcio Alves.

Billy Blanco compôs a censurada *Não vou pra Brasília*, gravada em 1957, pelo grupo Os Cariocas: “Não vou, não vou pra Brasília/ Nem eu nem minha família/ Mesmo que seja/ pra ficar cheio de grana/ A vida não se compara/ mesmo difícil e tão cara/ Quero ser pobre/ Sem deixar Copacabana”. Caetano Veloso, Joyce, Eduardo Dusek, Gilberto Gil, Roberto Frejat, Paulo Leminski e Tom Jobim também se renderam à superbacana.

Para o mundo, Copacabana é um arquétipo de paraíso tropical, embora seja “maravilha e purgatório da beleza e do caos”, como diriam Fausto Fawcett e Fernanda Abreu. Madonna não resistiu ao charme das suas calçadas e ao icônico glamour do velho Copacabana Palace, frequentado pelas estrelas de Hollywood, astros do mundo pop e a nobreza europeia.

“Safada is coming to Rio” (A safada está chegando ao Rio), anunciou Madonna em suas redes sociais, um mês antes do show, tempo suficiente para que as confecções fluminenses entrassem em produção, com destaque para a camiseta preta dos peitinhos dourados, que provocou a formação de filas nas lojas da Saara (o bairro comercial árabe-judeu do Rio de Janeiro, cuja convivência deveria servir de exemplo para Israel e a Palestina).

Os arquétipos

Fãs se aglomeraram dia e noite à porta de Copacabana e nas imediações do local onde foi realizado o show, desde quando Madonna chegou ao Rio. Havia todo tipo de gente. Madonna é a tradução da “alma imoral” e sua persona, um arquétipo social universal. A palavra latina “archetypum” pode ser traduzida por “primeiro modelo”. São memórias de nossos antepassados, que utilizamos para compreender a nossa própria existência. Na psicologia, o “ego” é a mente consciente, o inconsciente pessoal retine a memória do indivíduo. O inconsciente coletivo é a parte da psique que abriga os arquétipos.

“O velho sábio”, “A grande mãe”, “A deusa”, “O herói” e “A madona” são os arquétipos mais conhecidos. Com o nome artístico nos diz, Madonna representa uma persona da pós-modernidade, que também reúne os arquétipos da heroína revolucionária e da deusa devoradora dos homens — e até de mulheres. Sua imagem pública foi moldada para ser uma persona que não esconde o “animus” masculino da personalidade feminina. Ao seu lado no palco, Pablo Vittar foi a tradução escancarada da “anima”, os atributos femininos da psique masculina.

A psicologia social e a antropologia explicam muito mais certos fenômenos políticos do que a sociologia e a ciência política propriamente ditas. Enquanto os gaúchos, que hoje representam a parcela da população mais conservadora do país, enfrentam um momento dramático, em razão das chuvas, a multidão em êxtase com a presença de Madonna no Rio de Janeiro vivia uma outra realidade, muito mais espiritual do que física.

Como nos ritos de passagem das comunidades mais primitivas, os fãs de Madonna adquiriram uma segunda identidade, contestadora, transgressora, livre, na qual cada um pode representar a persona que gostaria realmente de ser.

Nos últimos meses, Madonna passou pelos Estados Unidos, Europa e México com o show *The Celebration Tour*, que se encerrou nesta madrugada. Louise Ciccone, seu nome verdadeiro, dança e canta há mais de 50 anos, desde que deixou Michigan para iniciar sua carreira artística em Nova York.

No próximo dia 16 de agosto, completará 66 anos, 40 dos quais como pop star à frente do seu tempo. Suas músicas, performances e discursos públicos sempre promoveram a emancipação feminina e a defesa dos direitos da comunidade LGBTQIA+.